



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Comunicação Organizacional

Aline Vivas Nava

“EU NÃO ERREI NENHUMA”:
Uma análise de *lives* de Jair Bolsonaro sobre a pandemia da Covid-19

Brasília

2021

ALINE VIVAS NAVA

**“EU NÃO ERREI NENHUMA”:
Uma análise de *lives* de Jair Bolsonaro sobre a pandemia da Covid-19**

Artigo apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Comunicação Organizacional.

Orientadora: Profa. Dra. Elen Cristina Geraldês

Brasília

2021

“EU NÃO ERREI NENHUMA”: UMA ANÁLISE DE *LIVES* DE JAIR BOLSONARO SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

RESUMO

O artigo analisa o discurso de Jair Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19, a partir de 38 *lives* realizadas pelo presidente no período de 27 de fevereiro de 2020 a 30 de setembro de 2021. O objetivo é compreender como se constrói, solidifica-se e modifica-se o discurso de Bolsonaro no período definido. Para isso, utilizou-se o enfoque da análise de discurso proposto por Gill (2008), por meio do qual foram elaboradas perguntas de pesquisas respondidas a partir da codificação, da leitura cética e da interrogação dos textos selecionados. Os resultados apontaram que Bolsonaro constrói a força da sua narrativa por meio da repetição dos seus posicionamentos. Sendo assim, seus argumentos não evoluem, por outro lado, o presidente adota uma postura mais combativa e agressiva com o passar do tempo. Observou-se que são usados relatos de experiência pessoal; confirmação e aprovação de terceiros; e ataques e descredibilização daqueles que considera seus inimigos para a construção da persuasão em seu discurso. A maior importância dada ao aspecto econômico do que questões de saúde e o uso da imprecisão como estratégia argumentativa também foram verificados. Por fim, concluiu-se que Bolsonaro não realizou comunicação pública no seu discurso sobre a pandemia da covid-19.

Palavras-chave: Comunicação Pública; Análise de Discurso; Pandemia da Covid-19; Discurso de Jair Bolsonaro.

ABSTRACT

The paper analyzes Jair Bolsonaro's discourse about the covid-19 pandemic, based on 38 *lives* held by the president from February 27, 2020 to September 30, 2021. The objective is to understand how Bolsonaro's discourse is built, solidified, and modified in the period. The discourse analysis approach proposed by Gill (2008) was used, in which the research questions were answered by the codification, skeptical reading and interrogation of the selected texts. The results showed that Bolsonaro builds the strength of his narrative through the repetition of his positions, thus his arguments do not evolve, on the other hand, the president adopts a more combative and aggressive attitude over time. It was observed that to build persuasion in his discourse, personal experience reports; third-party confirmation and approval; and attacks and discrediting those he considers his enemies are used. The greater importance given to the economic aspect than health issues and the use of imprecision as a strategy to shield oneself from criticism were also verified. Finally, it was concluded that Bolsonaro did not carry out public communication in his speech about the covid-19 pandemic.

Keywords: Public Communication; Discourse Analysis; Covid-19 pandemic; Jair Bolsonaro's Discourse.

1. INTRODUÇÃO

Jair Messias Bolsonaro é o 38º presidente do Brasil. Capitão da reserva, passou 27 anos na vida parlamentar, primeiro como vereador do Rio de Janeiro, depois como deputado federal. Nesse período, aprovou dois projetos dos cerca de 170 apresentados.

Com discursos polêmicos, Bolsonaro já foi julgado pelo Superior Tribunal Federal (STF) por acusações de racismo, quando foi inocentado por um placar de três a dois na Primeira Turma. Foi também condenado no Superior Tribunal de Justiça (STJ) por apologia ao estupro, e, enquanto deputado, acumulou processos no Conselho de Ética e na Corregedoria da Câmara, instâncias que apuram a conduta dos parlamentares, por denúncias que envolviam homofobia e falsas acusações. Discursos contra políticas de gênero, direitos humanos e das mulheres fazem parte da trajetória do presidente, bem como a defesa do cristianismo, do porte de armas pela população e do que chama de família tradicional.

No terceiro ano de seu governo, o mundo foi assolado pelo vírus Sars-CoV-2 da família coronavírus, que em pouco tempo tomou proporções devastadoras. Por isso, em 11 de março de 2020, a covid-19, doença causada pelo vírus, foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia. A rápida disseminação do que chamou-se de novo coronavírus levou a impactos complexos e profundos comprometendo áreas como a saúde pública, economia e mercado de trabalho.

No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020 e a primeira morte no dia 12 de março. Em outubro de 2021, o país atingiu o marco de 600 mil mortes. O enfrentamento da pandemia no país foi marcado por fragilidades institucionais no âmbito federal, como evidenciado pela troca de ministros da Saúde no período: até outubro de 2021, quatro ministros passaram pelo cargo, que chegou a ser ocupado por um general da ativa do exército, sem qualquer formação na área de saúde, por quase um ano.

Em maio de 2021, Marcia C. Castro et al. em um estudo publicado pela revista Science, apontaram erros graves cometidos pelo governo brasileiro em resposta à pandemia. De acordo com a pesquisa, o fracasso do combate à covid-19 no Brasil foi uma combinação perigosa de inação e falhas, como o uso de tratamentos sem eficácia comprovada, incluindo a promoção da cloroquina e da ivermectina, a falta de coordenação nacional entre os diferentes níveis de governo, a politização de protocolos de tratamento e segurança e o grande volume de desinformação que circula no país.

A ineficiência da gestão da pandemia e o agravamento da situação no país levaram à criação da CPI da Covid por determinação do Supremo Tribunal Federal em abril de 2021, com

dois objetivos iniciais: apurar ações e omissões do governo Jair Bolsonaro e fiscalizar a aplicação de recursos federais enviados a estados e municípios. De acordo Marcela Mattos et al. em reportagem para o portal de notícias G1 (2021), o relatório final da CPI, votado em 26 de outubro de 2021, pediu aos órgãos responsáveis o indiciamento do presidente da República por nove crimes que incluem, entre outros, crime de responsabilidade, crime contra a humanidade e crime de epidemia com resultado de morte.

Além disso, uma série de estudos e pesquisas vêm sendo realizados na academia, sobre o discurso do presidente Jair Bolsonaro na tratativa da pandemia da covid-19, partindo do entendimento de que "palavras desencadeiam ações" (MARQUES SILVA, 2020, p.6) e de que Bolsonaro é um importante influenciador em conversações políticas, uma vez que, por meio da força de seus discursos, é capaz de convencer seus interlocutores a mudarem suas opiniões, além de conseguir modificar a estrutura de decisão política ao colocar em evidência algumas mensagens e ocultar uma série de outras (COIMBRA; CARVALHO, 2020).

Por meio da revisão bibliográfica, compreendeu-se que as análises de discurso de Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19 ainda não haviam abarcado as *lives* realizadas por ele em suas mídias sociais. Dessa forma, e entendendo que suas mídias sociais são destinadas ao contato com seus apoiadores, e por isso o discurso assume uma forma diferente do que quando direcionado à população em geral (COIMBRA; CARVALHO, 2020), este trabalho analisou 38 *lives* postadas no canal do Youtube oficial do presidente, no período de 27 de fevereiro de 2020 a 30 de setembro de 2021. Assim, foi possível compreender como se constrói, consolida-se e se modifica o discurso de Jair Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19. Para isso, foi utilizado o enfoque da análise de discurso proposto por Gill (2008).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

De forma a cumprir com os objetivos deste artigo, faz-se necessário apresentar os conceitos de comunicação pública, discurso e análise de discurso, discutidos a seguir. Além disso, também é realizada a análise de artigos com temática similar a deste, a fim de tomar conhecimento, por meio da revisão, das pesquisas realizadas acerca dos discursos do presidente Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19.

2.1. Comunicação pública e o interesse público

A comunicação é responsável por dar vida às instituições. No ambiente de interesse público, ela exerce papel ainda mais essencial ao ser encarregada por toda a dinâmica de interação entre os agentes públicos e a sociedade civil, nas diferentes formas que pode assumir dentro dessa relação. Dos desdobramentos desse relacionamento origina-se o conceito de comunicação pública, que não é único e segue em construção, pois se refere a uma ampla variedade de atividades, práticas e propósitos.

Duarte (2007) indica que as origens da comunicação pública estão na noção de Comunicação Governamental, definida como os "fluxos de informação e padrões de relacionamento envolvendo os gestores e a ação do Estado e a sociedade" (DUARTE, 2007, p.2).

Não muito diferente, Brandão (2012) aponta que, nessa dimensão, a comunicação pública deve ser compreendida como um processo comunicativo que atua com a informação voltada para a cidadania. Assim, funciona como um instrumento de construção da agenda pública, de prestação de contas, de consulta à população, de estímulo ao engajamento em políticas adotadas e de passagem de informação.

Duarte (2007, p.7) propõe ainda quatro eixos centrais que devem atuar como pré-requisitos para a ação daqueles que atuam como emissores da comunicação de interesse público, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 - Pré-requisitos para a comunicação pública

Transparência	Diz respeito a assumir compromisso com a atuação responsável no trato com as questões públicas, incluindo a oferta de informações, estímulo ao acesso, facilitação da fiscalização e a prestação de contas. Implica, também, a noção de assumir ferozmente a incorporação de valores éticos por todos os agentes públicos envolvidos.
Acesso	A sociedade deve ter facilidade de obter informações, ser estimulada e orientada a buscá-las, a dar sua opinião, a fiscalizar e a influir na gestão daquilo que é público. A informação de interesse público deve despertar a atenção, ser interpretada e apropriada pelo interessado em seus próprios termos, de maneira a que seja transformada em capacitação para reflexão e ação. Implica, assim, não apenas o atendimento, mas o atendimento adequado às necessidades de cada segmento de público [...].
Interação	Significa a criação, manutenção e fortalecimento de instrumentos de comunicação que viabilizem fluxos bi ou multilaterais, onde sejam respeitadas premissas para um diálogo equilibrado, simétrico, em que todos os envolvidos tenham igual direito e

	oportunidade de falar e ser ouvidos. Trata-se de estabelecer uma pedagogia da interação com a criação de produtos, serviços, ambientes e situações que permitam estimular e viabilizar o acesso, a compreensão, cooperação, participação e crítica.
Ouvidoria social	O interesse em conhecer e compreender a opinião pública e os diversos segmentos que a compõem é pressuposto para o atendimento às expectativas da sociedade. Adota as diferentes formas de pesquisa como referência e exige habilidade de compreender motivações, interesses, propostas e critérios de satisfação e assumir o compromisso de considerá-los como referência na ação.

Fonte: Adaptação de Duarte (2007, p.7).

2.2. A análise de discurso e o discurso

Aqui também é necessário realçar que não existe método ou definição única para a análise de discurso, como aponta Gill (2008): existem pelo menos 57 variações de análise de discurso, fundamentadas em tradições teóricas amplas. Dentre as quais a autora destaca três: a primeira é conhecida como linguística crítica, estudos da linguagem ou semiótica social ou crítica — aqui Gill identifica os seguintes autores: Fowler et al., 1979; Kress & Hodge, 1979; Hodge & Kress, 1988; Fairclough, 1989 —, e enfatiza "entre outras coisas — as maneiras como formas linguísticas específicas [...] podem ter efeitos dramáticos sobre a maneira como um acontecimento ou fenômeno é compreendido" (GILL, 2008, p.246). A segunda foi influenciada pela teoria do ato da fala, etnometodologia e análise da conversação — Gill faz referência aos autores: Gafrinkel, 1967; Sack et al., 1974; Coulthard; Montgomery, 1981; Heritage, 1984; Atkison; Heritage, 1984; Myers, 2008 —. Aqui "em vez de olhar como as narrações se relacionam com o mundo, elas se interessam naquilo que estas narrações têm como objetivo conseguir [...]" (GILL, 2008, p.246). A terceira é associada ao pós-estruturalismo, entre os seus expoentes, a autora destaca Michael Foucault (1977; 1988): "em contraste com a maioria da análise de discurso, este trabalho está interessado não nos detalhes de textos falados e escritos, mas em olhar historicamente os discursos" (GILL, 2008, p.246).

Apesar da ampla variação, o que parece uni-las é que compartilham de "uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social" (GILL, 2008, p.244). Dessa forma, para o desenvolvimento deste trabalho será utilizado o enfoque para a análise de discurso explorada por Gill (2008), que se inspira em ideais das três

tradições identificadas, bem como no campo da análise retórica (Billing, 1987; 1988; 1991; Potter; Wetherell, 1987; Leach, 2008).

Assim, é importante entender que "o termo 'discurso' é empregado para se referir a todas as formas de fala e texto, seja quando ocorre naturalmente nas conversações, como quando é apresentado como material de entrevistas, ou textos escritos de todo tipo" (GILL, 2008, p.247). Além disso, a autora aponta que a análise de discurso tem quatro temas principais: "uma preocupação com o discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída; uma ênfase no discurso como forma de ação; e uma convicção na organização retórica do discurso" (GILL, 2008, p.247).

2.3. Revisão bibliográfica: o discurso de Jair Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19

Com o objetivo de compreender as pesquisas já realizadas sobre o tema, foram explorados os artigos de Amarante (2021); Coimbra e Carvalho (2020); Marques Silva (2020) e Burni e Tamaki (2021), como exposto a seguir.

Ao fazer uma análise de 697 declarações acerca da covid-19 feitas pelo presidente Jair Bolsonaro entre janeiro e setembro de 2020, Amarante (2021, p.64) conclui que "a maior parte das suas declarações buscou minimizar os efeitos da doença; negar o grande número de mortes; e terceirizar a responsabilidade do governo federal".

Ao realizar o estudo, o autor avalia também os tipos de desinformação mais comuns presentes nas declarações analisadas, constatando que o conteúdo foi: 38,7% impreciso; 32,1% insustentável; 17,5% contraditório; 7,1% falsa informação; 4,6% exagerado e nenhuma frase (0,0%) continha conteúdo inteiramente verdadeiro.

Em uma conjuntura na qual nem a ciência, nem a medicina tinham conhecimento suficiente sobre a covid-19, Amarante (2021) entende que a estratégia do presidente se baseava em utilizar artimanhas linguísticas para confundir o receptor das mensagens. Assim, o autor conclui que muitas vezes a desinformação foi utilizada como estratégia de manipulação discursiva, utilizando-se informações baseadas em crenças alternativas.

Na mesma linha, Coimbra e Carvalho (2020) investigaram as estratégias argumentativas do presidente Jair Bolsonaro em seus pronunciamentos feitos na Cadeia Nacional de Rádio e Televisão (CNRT) diante da pandemia da covid-19.

Os autores analisaram cinco pronunciamentos relacionados à pandemia em CNRT. Neles foram identificadas nove temáticas exploradas pelo presidente da República como estratégias de articulação com a população: 1) Medidas de enfrentamento à covid-19; 2)

Minimização da covid-19; 3) covid-19 x Economia; 4) Embate com a imprensa; 5) Críticas a governadores e prefeitos; 6) Críticas ao isolamento social; 7) Defesa da Hidroxicloroquina; 8) Apoio aos profissionais de saúde; 9) Mensagens religiosas.

De acordo com o estudo, os temas mais acionados pelo presidente foram a minimização da covid-19 e mensagens religiosas. Dessa forma, os autores apontam que, além do uso da religiosidade e do nome de Deus como forma de sustentar os discursos:

Há uma prevalência da opinião em detrimento do conhecimento científico e especializado, das emoções acima dos fatos. Quando Bolsonaro ignora os posicionamentos científicos e cria um discurso paralelo contrário à ciência, ele passa a gerar informação na direção da confirmação de suas crenças [...] (COIMBRA; CARVALHO, 2020, p.12).

Os autores discutem também que, apesar da minimização da pandemia, o presidente busca deixar claras as medidas tomadas pelo governo para o enfrentamento da covid-19 como propaganda política. Ressaltam ainda que é perceptível a importância dada ao aspecto econômico, deixando de lado questões sociais e sanitárias relacionadas às consequências da pandemia.

Por fim, Coimbra e Carvalho (2020) destacam que Bolsonaro usa nos seus discursos oficiais em cadeia nacional, uma postura menos combativa, uma vez que se direciona à população geral e não somente a seus apoiadores.

Partindo do entendimento de que o discurso político, especialmente o presidencial, muitas vezes tem um caráter performativo, Marques Silva (2020) estuda, por meio de trechos de pronunciamentos públicos e publicações no Twitter, as estratégias discursivo-argumentativas utilizadas pelo presidente Jair Bolsonaro em relação à covid-19.

Assim, o autor identifica estratégias que permeiam os pronunciamentos do presidente acerca da covid-19. Ele apresenta que Bolsonaro forja uma realidade alternativa que está de acordo com o projeto político adotado por ele, assim consegue garantir apoio popular. Para isso, o presidente utiliza-se de fragmentos da realidade para criar imaginários coletivos, materializando os seus inimigos políticos.

Além disso, observa-se também a redução da gravidade da doença e das suas consequências sociais e sanitárias, pois o presidente cria um "novo conhecimento acerca da doença, associando-a a gripes e resfriados" (MARQUES SILVA, 2020, p. 25). Dessa forma, simplifica-se uma realidade complexa e multidimensional, o que transforma a covid-19 em uma doença para a qual já existem protocolos de enfrentamento e tratamento.

Marques Silva (2020) aponta ademais que a covid-19 é construída, por meio do discurso adotado pelo presidente, como outro inimigo a ser enfrentado no cenário político. O autor ressalta que estrategicamente o presidente faz uso do pronome "nós" ao se referir às medidas de enfrentamento da covid-19, se colocando, assim como parte ativa do processo de solução, ao mesmo tempo que torna difuso quem são de fato os agentes responsáveis.

O autor indica que depois de deixar claro o inimigo a ser combatido, Bolsonaro explora a Cloroquina e a Hidroxicloroquina como as armas a serem utilizadas para esse combate. Dentro da realidade forjada pelo presidente, as drogas que não têm comprovação científica de eficiência contra a covid-19 são divulgadas por ele como únicas soluções possíveis. Nesse sentido, é necessário destacar que esse novo paradigma criado pelo presidente encontra apoio de sua audiência, por meio de uma imagem que se constrói desde o período eleitoral: Bolsonaro é um mito, um salvador, um messias que foi escolhido e está no lugar certo para combater os inimigos que se colocam no caminho do seu projeto redentor.

Nesse sentido, Burni e Tamaki (2021), ao analisarem as postagens em mídias sociais de Bolsonaro de março a agosto de 2020, entendem que a crise agravada pela covid-19 representou uma oportunidade para o presidente colocar em ação estratégias que o auxiliaram a manter sua base de apoio. Explorando a comunicação via mídias sociais do presidente, os autores concluem que a estratégia de comunicação de Bolsonaro girava em torno de três aspectos-chave do que chamam de retórica de "crise-populista" (tradução da autora), são eles:

1) ampliação do contexto de crise, destacando seu impacto econômico, ao mesmo tempo em que minimiza os efeitos sobre a saúde; a culpabilização da mídia e da imprensa por criar pânico e tentar tirar o foco do problema movendo-o para os "inimigos" responsáveis; 2) construção de uma mensagem centrada nas pessoas, a partir de uma ideia de proximidade, forjando a familiaridade com o homem comum e a sua própria posição de "homem comum", ao mesmo tempo que evidencia a sua própria excepcionalidade e capacidade de resolução de problemas, evocando a ideia de ser "o único salvador"; 3) oposição às elites e ao "establishment", culpando e difamando as elites (políticas, internacionais, autoridades de saúde, cientistas, etc.), enquadrando-as como más, corruptas e que agem por interesse próprio (BURNI;TAMAKI, 2021, p.127, tradução da autora).

Os autores entendem que líderes populistas como Bolsonaro utilizam-se da retórica de "crise-populista" como estratégia para criar ou mobilizar sentimentos, influenciando a percepção de seus apoiadores para aumentar ou manter a sua base de apoio e níveis de aprovação, preservando-se no poder apesar da gestão ineficaz.

Burni e Tamaki (2021) apontam que o discurso torna-se cada vez mais perigoso à medida que suscita ações da sociedade, por isso o negacionismo, a abordagem anticientífica e a culpabilização de inimigos como a China, a Organização Mundial da Saúde ou a mídia,

adotados por lideranças populistas como Bolsonaro e Donald Trump, nos Estados Unidos, abriram precedentes para teorias conspiracionistas e movimentos antivacinas, por exemplo. Dessa forma, com esse tipo de discurso e retórica são politizadas não somente as causas da crise, mas também as soluções para ela.

3. METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso de Jair Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19, de forma a entender como ele constrói-se, consolida-se e modifica-se ao longo do tempo. Para isso, foi utilizado o enfoque da análise de discurso proposto por Gill (2008), que possui duas fases: a análise e a avaliação da análise. Devido ao propósito e natureza deste trabalho, entendeu-se que a etapa inicial faz cumprir o objetivo proposto, e abre caminhos para a realização da avaliação em pesquisas e estudos posteriores. Isto esclarecido, a análise consiste em formular questões de pesquisa que devem ser respondidas a partir da transcrição dos textos em detalhes e por meio da leitura cética, da interrogação dos textos selecionados e da codificação.

Como objeto de análise foram escolhidas as transmissões ao vivo, *lives*, do presidente, realizadas semanalmente desde que assumiu a presidência. Pelo menos uma transmissão ao vivo é realizada a cada semana pelo seu canal no Youtube e página oficial no Facebook para tratar de assuntos que considera relevantes. Em geral, elas são transmitidas do Palácio da Alvorada às quintas-feiras, 19h, duram em média 50 minutos e contam com um intérprete de libras e um ou dois convidados do seu governo. É relevante destacar que elas são transmitidas não só pelos canais oficiais do presidente, mas também por quatro outros veículos: Folha Política, Foco do Brasil, Jovem Pan News e Os Pingos nos Is, programa da Jovem Pan, os apresentadores deste último enviam perguntas a serem respondidas ao vivo em algumas *lives*.

Isso esclarecido, por meio do enfoque proposto por Gill (2008) primeiro foram separadas todas as *lives* postadas no canal oficial do presidente Bolsonaro no Youtube no período de 27 de fevereiro de 2020 a 30 de setembro de 2021, identificando-se 62 delas. A escolha daquelas que seriam analisadas se deu a partir de dois critérios: análise das descrições de cada uma das 62 *lives* publicadas, quando existe, e análise de matérias de veículos de comunicação sobre elas. Assim, foram escolhidas 38 *lives*, cerca de duas por mês, selecionando-se aquelas que tratam de questões relacionadas à pandemia da covid-19 em seus diferentes momentos no decorrer do período de 20 meses.

Depois de realizada a seleção, realizou-se as transcrições das 38 *lives*, e a leitura cética de cada um dos textos. A partir da familiaridade com os discursos analisados foi possível realizar a codificação dos textos, funcionando como uma “maneira de organizar as categorias de interesse” (GILL, 2008, p. 254), e assim identificou-se, inicialmente os temas sobre os quais Bolsonaro fundamenta a sua narrativa sobre a pandemia da covid-19. A partir deles, formulou-se as perguntas de pesquisa e realizou-se a interrogação dos textos selecionados. Conforme apresentado a seguir. É importante destacar, antes de prosseguir que esse processo não ocorre de forma linear, as análises podem — e devem — ser revisitadas à medida que a familiaridade com os textos aumenta.

4. RESULTADOS

Como apontado anteriormente, o enfoque proposto para a análise de discurso pressupõe a elaboração de perguntas que devem ser respondidas a partir dos textos selecionados. Dessa forma, foram desenvolvidas cinco questões-chave que se considera que abarcam uma ampla gama de características do discurso de Bolsonaro sobre a covid-19.

4.1. Como o discurso de Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19 se modifica e se consolida ao longo do tempo?

Primeiro, é importante conhecer as temáticas sobre as quais é fundamentado o discurso do presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19 em suas *lives*, assim é possível entender como foi construída a sua narrativa e como ela modificou-se, e consolidou-se ao longo do tempo. Sendo assim foram identificadas seis temáticas, para cada uma realizou-se uma breve análise de como a tratativa dada pelo presidente se modificou, ou não, no período estudado.

4.1.1. Defesa do tratamento precoce e do uso da Hidroxicloroquina, Cloroquina e Ivermectina como forma de prevenção e tratamento da doença

Desde meados de abril de 2020, Bolsonaro já menciona o uso dos medicamentos como alternativa para a doença, mesmo quando começam a aparecer os primeiros estudos indicando as consequências negativas do seu uso. Entretanto, na segunda quinzena de março de 2021, Bolsonaro muda o seu discurso e deixa de usar os nomes dos remédios e o termo "tratamento precoce" e passa a se referir como "remédio para malária", "remédio que mata piolho" e "tratamento inicial" ou "tratamento imediato", deixando sempre claro que não pronunciará os

outros termos, pois será censurado pelas plataformas, uma vez que, de acordo com ele, virou crime falar sobre o tema.

4.1.2. Críticas a governadores e prefeitos pelas medidas de *lockdown* e isolamento social estabelecidas em estados e municípios

Até a primeira quinzena de março de 2020, Bolsonaro não apresenta uma posição definida sobre medidas de *lockdown* e isolamento, parecendo dar maior espaço para a atuação do Ministério da Saúde. Na *live* de 20 de março do mesmo ano, entretanto, o presidente já se coloca contrário a essas medidas sob o argumento de que visa proteger os brasileiros do desemprego e das suas consequências. Na mesma *live*, Bolsonaro começa a adotar uma postura de crítica a governadores e prefeitos que decretaram tais medidas, porém ainda com um tom mais brando e como forma de apelo. É a partir de julho de 2020 que o presidente utiliza um tom mais agressivo e combativo em relação às medidas, culpabilizando governadores e prefeitos pelos altos índices de desemprego no país, e com o passar do tempo a postura de Bolsonaro torna-se cada vez mais ofensiva.

4.1.3. Críticas e ataques à imprensa e à mídia, o que chama de "mídia tradicional", em especial à Folha de São Paulo, Estadão, Globo, Veja e UOL

A trajetória de Bolsonaro na vida pública é marcada pelo embate com a imprensa, e com a sua campanha eleitoral para a presidência em 2018, essa relação se torna ainda mais conflituosa. Dessa forma, a pandemia é apenas mais um assunto sobre o qual o presidente tem divergências e atritos com a imprensa. Ao se referir a "mídia tradicional", é possível observar desde a primeira *live* analisada que Bolsonaro adota um tom mais combativo e agressivo, postura que não se modifica no período estudado.

4.1.4. O enaltecimento do envio de recursos do Governo Federal para o Auxílio Emergencial, do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe) e para a compra de vacinas contra a covid-19

Bolsonaro acredita que teve o seu poder de atuação na pandemia prejudicado pelo STF, por isso adota a narrativa de que coube a ele e ao governo federal apenas o envio de recursos para estados e municípios. Buscando reiterar que desempenha esse papel de maneira exemplar, sempre se apoiando em números relacionados a quantidade de recursos enviados. Aqui também não se identificam mudanças significativas no discurso no período, porém é importante pontuar

que a partir da segunda quinzena de outubro de 2020 o presidente adiciona a sua narrativa os recursos destinados para a compra de vacinas.

4.1.5. Críticas e ataques à OMS e ao ex-ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, e o que chama de "protocolo Mandetta: fique em casa, quando sentir falta de ar vá para o hospital"

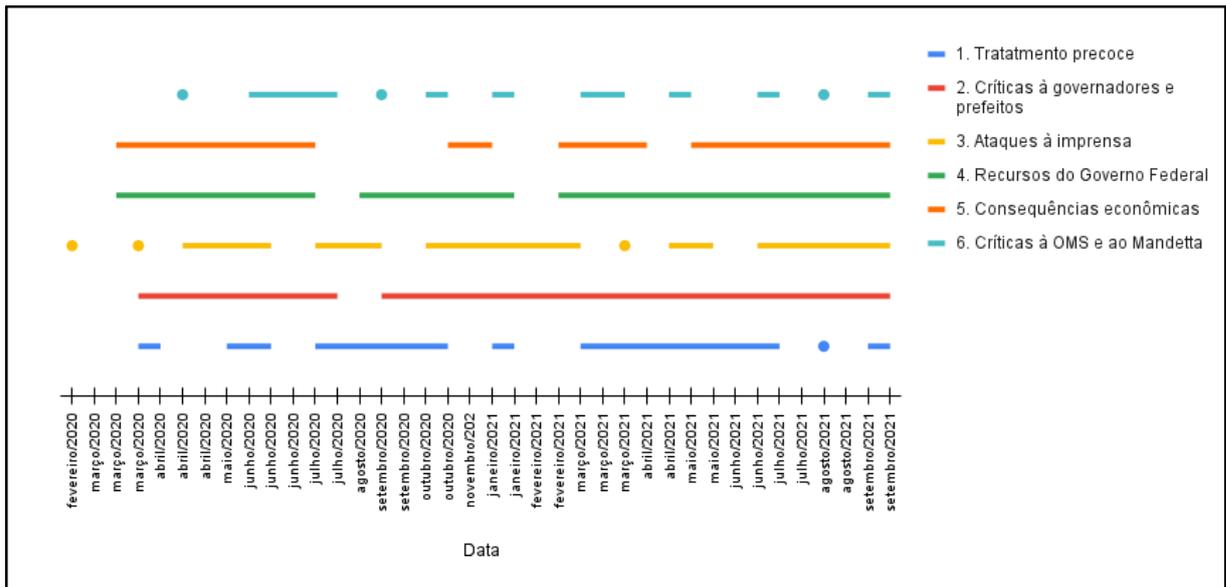
De acordo com Bolsonaro, ele foi o único que foi capaz de dar a devida importância desde o início às consequências econômicas da pandemia, pois para ele sempre existiram duas questões que deveriam ser tratadas com a mesma responsabilidade: o vírus e o desemprego. Também é possível observar uma postura mais amena até julho de 2020 quando começa a adotar um tom mais agressivo, culpabilizando governadores e prefeitos pelos altos níveis de desemprego no Brasil, posicionamento que se mantém até o fim do período estudado.

4.1.6. A minimização das consequências sanitárias e de saúde da covid-19, ao passo que as consequências econômicas, principalmente aquelas relacionadas ao desemprego, são tratadas como prioridade

Nas *lives* analisadas, observa-se certo desprezo de Bolsonaro a entidades e autoridades da saúde que são contrárias aos seus posicionamentos. O presidente começa a falar sobre a OMS em suas transmissões no final de abril de 2020, sempre apontando o que acredita serem inconsistências na atuação do organismo, de forma a descredibilizá-lo. Por outro lado, sua relação com Luiz Henrique Mandetta muda significativamente ao longo do tempo, na *live* realizada com o ex-ministro em 12 de março de 2020, os dois parecem estar alinhados, e é possível identificar uma postura mais amena, que é mantida até a primeira quinzena de julho do mesmo ano, quando Bolsonaro começa a usar um tom mais embatativo ao se referir à Mandetta, que se potencializa com o passar do tempo. Em meados de abril de 2021, o tom se torna ainda mais agressivo, pois o presidente começa a adotar o termo "protocolo Mandetta", agregando uma carga negativa à indicação dada pelo ex-ministro, no início da pandemia para que só fossem buscados hospitais em casos de falta de ar.

Além disso, no gráfico 1 vê-se quando cada uma das temáticas é mencionada nas transmissões ao vivo analisadas. Aqui é importante ressaltar que não foram contabilizadas quantas vezes cada temática foi mencionada em cada *live*, ou seja, se o presidente mencionou o tema uma vez durante a transmissão ele foi entendido como discutido naquela *live*.

Gráfico 1 - Frequência com a qual cada uma das temáticas identificadas é mencionada



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

É possível observar que Bolsonaro nunca usa apenas uma temática para construir o seu discurso sobre a pandemia da covid-19. A construção se dá a partir da convergência de temas. Além disso, todas as temáticas identificadas são tratadas com recorrência, isto é, mesmo que o presidente deixe de abordá-los por certo período, eles voltam a aparecer em seguida.

Dessa forma, é coerente dizer que o discurso de Bolsonaro se solidifica, principalmente, por meio da repetição de ideias, opiniões e posicionamentos. Ademais, como discutido anteriormente, os argumentos utilizados se mantêm os mesmos dentro do período, são somente acrescentados mais elementos que confirmam ou consolidam a narrativa de Bolsonaro. Por outro lado, verifica-se uma alteração no tom do discurso, visto que o presidente passa a adotar uma postura mais combativa e agressiva com o passar do tempo.

4.2. Como é construído o papel do presidente da república e do governo federal frente à covid-19?

Bolsonaro atribui a si quatro papéis que são solidificados ao longo dos pronunciamentos estudados: o de tranquilizador da nação, o de detentor da verdade, o de vítima do STF e o de salvador da economia. A seguir se analisará brevemente cada um deles.

4.2.1. Tranquilizador da nação

Bolsonaro constrói ao longo das suas *lives* o imaginário da não necessidade de pavor e pânico em relação à covid-19. Para ele não há necessidade para preocupação com o vírus, uma

vez que apenas uma pequena quantidade de contaminados será levada a óbito. E cabe a ele e a seu governo a função de levar essa mensagem para os brasileiros.

Em 20 março de 2020, Bolsonaro já afirmava que apesar de considerar baixos os riscos de óbitos pela doença, todas as medidas cabíveis estavam sendo tomadas e que o seu trabalho era de "não levar pânico à população brasileira". Em 25 de junho do mesmo ano, o presidente reforça: "Não podemos ter aquele pavor lá de trás, que chegou junto à população e houve, no meu entender, um excesso de preocupação apenas com uma questão e não podia despreocupar com a outra", referindo-se à saúde e à economia.

Além de reforçar a necessidade da tranquilidade, Bolsonaro condena seus opositores por apavorar e levar temor à população. Em 11 de junho de 2020, o presidente afirma que Luiz Henrique Mandetta tinha o objetivo de "vender o pavor" quando ocupava a pasta, por isso "deu uma inflada nos números" para que pudesse justificar as estratégias de isolamento adotadas para o achatamento da curva de contágio, medidas que, segundo o presidente, se mostravam cada vez mais ineficazes. Em 25 de julho de 2020 afirma que tem que se preocupar com o desemprego que governadores e prefeitos criaram com "essa política de todo mundo em casa, terror, pavor, multa, vou prender". Dessa forma, coloca como aquele que busca levar tranquilidade ao brasileiro, ao contrário do que faz a oposição, e ainda reforça o seu papel de detentor da verdade.

4.2.2. Detentor da verdade

A solução de Bolsonaro para a pandemia baseia-se na utilização do que chama de tratamento precoce com uso da Hidroxicloroquina ou Cloroquina e Ivermectina, e o fim de medidas de *lockdown* e isolamento para que as pessoas voltem a trabalhar. Na visão do presidente, suas estratégias de contenção e tratamento da covid-19 estavam certas desde o início, uma vez que, segundo ele, as estratégias utilizadas por governadores e prefeitos para o achatamento da curva não deram nenhum resultado. Bolsonaro acredita que a imprensa, aqueles que considera opositores e a OMS cometeram e continuam cometendo uma série de erros na tratativa da pandemia, mas sempre passam a concordar com suas opiniões quando, de acordo com ele, percebem que sempre esteve certo. Dessa forma ele consegue se colocar em uma posição de autoridade, indicando que sabe o caminho para lidar com a situação.

Em 23 de abril de 2020, Bolsonaro diz que o desemprego sempre foi uma preocupação para ele, e que apanhou muito da mídia brasileira por isso: "É sempre aquela historinha, de que vida você não recupera, mas a economia recupera". O presidente segue dizendo que apesar de não ter números, a expectativa de vida no Brasil é maior do que no Zimbábue, por exemplo,

pois aqui a renda é maior, "então se a nossa renda vai cair, a morte chega mais cedo. É isso o que sempre busquei levar ao conhecimento público. Não podia fugir da verdade". É importante destacar que não apresentar dados concretos ou fontes para os seus posicionamentos é uma estratégia bastante utilizada pelo presidente, assim caso o que disse não venha a se confirmar, ele encontra respaldo na retórica que criou.

Bolsonaro parece aproveitar toda oportunidade para reafirmar seus argumentos e reiterar que sempre esteve disposto a falar a verdade. Em 17 de setembro de 2020, reitera: "Tudo aquilo que eu falei lá atrás, tudo que eu tive a oportunidade e não me omiti, tomei uma decisão, falei da Cloroquina, falei da Vitamina D. Que essa história de fique em casa, a economia a gente vê depois não é assim, tá vindo a conta pra todo mundo pagar aí".

Em 15 de outubro do mesmo ano, ao falar de uma recomendação da OMS para a não utilização de estratégias de *lockdown* na Europa — aqui vale ressaltar que a recomendação da organização era de não utilizar o confinamento como estratégia principal de contenção do vírus, alertando sobre a necessidade da adoção de outras medidas, como distanciamento, proteção facial e higiene — Bolsonaro diz rindo junto aos seus convidados: "Acho que vou acabar indo para a OMS ou o Tedros Adhanom [diretor-geral da OMS] continua lá? Tá sete a zero pra mim, não é sete a um, não: não perdi nenhuma ainda. Alguns acham que eu chutei, mas é muito chute para dar tudo certo. É questão de estudar, ir atrás, conversar com médicos, embaixadores". Outra estratégia bastante utilizada por Bolsonaro é encontrada aqui, ao comentar sobre matérias, estudos ou pesquisas, o presidente dificilmente expõe o panorama completo, são extraídos os fragmentos que confirmam ou vão ao encontro de seu posicionamento. Dessa maneira, consegue encontrar respaldo de autoridades mesmo que não seja de forma completamente verdadeira.

Em 4 de março de 2021, volta a dizer que nunca errou ao citar uma notícia na qual o secretário de Saúde de São Paulo alega que as pessoas vão morrer de fome com o *lockdown*: "Vão chegar à conclusão que eu não errei nenhuma. Com todo o respeito, Tarcísio: eu não errei nenhuma", disse ao ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas. Na notícia citada por Bolsonaro o secretário havia dito que, em sua opinião, o Brasil não tinha condições de realizar um *lockdown* rígido como em países da Europa enquanto a população mais pobre não tivesse à disposição medidas como o auxílio emergencial.

4.2.3. Vítima do STF

Para Bolsonaro, a sua atuação frente à pandemia foi prejudicada pelo órgão que, de acordo com ele, deu a governadores e prefeitos o poder para decidir sobre as medidas de

contenção da pandemia e o afastou do processo. Dessa forma, coube a ele e ao governo federal apenas a missão de enviar recursos a estados e municípios. Antes de prosseguir, vale ressaltar que de acordo com AFONSO (2020) em reportagem para a agência de *fact-checking*, Lupa:

O Supremo Tribunal Federal (STF) não afastou o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) do “controle” das medidas estratégicas contra a pandemia da Covid-19. Na realidade, o STF julgou três ações e entendeu que governadores e prefeitos têm autonomia para traçar planos de combate ao vírus em seus respectivos territórios, incluindo o fechamento do comércio, por exemplo. Contudo, o entendimento dos ministros era que a União também poderia traçar estratégias de abrangência nacional. Ou seja, o Supremo não determinou que todas as ações fossem tomadas pelos governadores e prefeitos, e sim que o governo federal não poderia interferir em ações locais, como o estabelecimento de quarentenas e o fechamento do comércio.

Em 11 de junho de 2020, ao mencionar o desemprego e as medidas de *lockdown*, diz: "O Supremo Tribunal Federal decidiu [...] que isso é competência exclusiva de governadores e prefeitos. [...] Se tá tão ruim aqui, como o pessoal diz que tá, a responsabilidade é deles, a nossa foi basicamente o quê? Recursos". Depois segue dizendo que, em sua opinião, o judiciário interfere em muitas coisas que não deveria interferir. Na semana seguinte, dia 18, fala que ele, como presidente da República, não poderia fazer praticamente nada além do envio de recursos.

Em 3 setembro de 2020, fala que houve uma destruição de empregos, uma vez que governadores e prefeitos fecharam tudo já que ele foi "aleijado do processo pelo Supremo Tribunal Federal". Em 22 de julho de 2021, volta a ressaltar que o STF deu poder aos prefeitos para decretar medidas de *lockdown* e que elas estavam massacrando a população.

4.2.4. Salvador da economia

Bolsonaro argumenta que se não fossem os programas de auxílio do governo federal, não só os níveis de desemprego estariam maiores, como haveria mais pessoas em uma situação financeira pior.

Em 30 de abril de 2020, o presidente fala dos informais, os invisíveis como se refere frequentemente, e diz que são cerca de 38 milhões que só não estão em situação mais desesperadora devido ao auxílio emergencial do governo federal. Logo segue compartilhando que tem visto muitos vídeos de pessoas humildes recebendo o dinheiro e agradecendo.

De forma a trazer um caráter mais humano para sua figura, Bolsonaro constantemente apela para a aproximação da população "humilde", como gosta de descrevê-los, assim sua argumentação sugere que esse grupo está em perigo e não consegue falar por si só, afinal eram invisíveis antes da pandemia, cabendo a Bolsonaro o papel de porta-voz.

Em 14 de maio do mesmo ano, o presidente defende que as medidas do governo federal evitaram que 7,2 milhões de empregos fossem extintos, e completa dizendo que o Brasil não pode colapsar nessa área, pois o preço a ser pago com vidas será enorme. Para finalizar, Bolsonaro aponta que o auxílio emergencial é o maior programa de inclusão social do Brasil, informação que repete em diferentes momentos de grande parte das *lives* analisadas.

Em 18 de junho de 2020, ao comentar sobre as taxas de desemprego, fala que as consequências só não são maiores porque o governo federal implantou várias medidas de proteção aos pequenos e microempresários. No próximo mês, em 23 de julho, ao afirmar que governadores e prefeitos destruíram os empregos do Brasil, diz que: "fizemos nossa parte, ajudamos aqui que esse dano fosse o menor possível, ajudamos com 600 reais". Em 25 de fevereiro de 2021, diz que as medidas implementadas pelo governo federal serviram para evitar o caos no país.

Bolsonaro busca ressaltar também, mesmo sem apresentar nenhuma pesquisa ou fonte, que o Brasil foi o país que lidou melhor com a parte econômica na pandemia. Em 22 de outubro de 2020, alega que não viu o socorro dado a cidadãos e empresas no Brasil em nenhum outro lugar do mundo, e que, nesse aspecto, o Brasil talvez tenha sido o melhor, tirando a China. Em 10 de novembro, frisa: "Entendo que tô fazendo o melhor para o Brasil. O Brasil [...] do lado da economia, foi um dos que melhor se saiu durante a pandemia". Somente em 18 de fevereiro de 2021 fala de dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), dizendo que o Brasil foi um dos melhores que se saiu na pandemia, porque aqui foram tomadas medidas para a proteção de empregos.

4.3. Como se constrói a narrativa sobre as mortes decorrentes da covid-19?

É possível observar dois padrões na narrativa de Bolsonaro sobre as mortes por covid-19: ou elas estão atreladas a um fator econômico ou são minimizadas ou questionadas. Em ambos os casos, o presidente constrói o seu discurso lamentando as mortes e em seguida explicita que, apesar do lamento, existem outras questões que devem ser tratadas. Abaixo são indicadas algumas construções identificadas nas *lives* analisadas:

- "Existe a preocupação com o vírus, nunca negamos isso daí, mas por outro lado nós sabemos que devemos cuidar para que o emprego não continue sendo destruído" (16 de abril de 2020);

- "Sabemos que infelizmente muita pessoa vai morrer, a gente lamenta, infelizmente é uma realidade, tá certo? Agora devemos enfrentar isso aí e buscar a melhor maneira de juntos, buscar alternativas " (30 de abril de 2020);
- "Lamento a quantidade de mortes que estamos tendo. A questão dos números deixa muita gente em dúvida ainda: morreu de covid-19 ou com covid-19? Temos declarações de diretores de hospitais dizendo que 40% dos que entraram no óbito como covid-19 não era covid-19. [...] São muitas informações desencontradas (18 de junho de 2020);
- "Agora quem tinha problemas, obesidade, comorbidade, idade, aí lamentavelmente essas pessoas tiveram muita dificuldade e algumas foram a óbito, o que nós lamentamos. Mas é a vida, é a realidade" (10 de novembro de 2020);
- "Sabemos da gravidade do vírus, lamentamos as mortes, mas o efeito colateral dessa forma de fechar tudo é muito mais danoso que o próprio vírus" (04 de março de 2021);
- "Doença? Só se fala em covid, parece que, parece não, o número de óbitos de outras doenças tem diminuído bastante, então tem alguma coisa esquisita nesses números aí" (20 de maio de 2021).

4.4. Como o discurso está organizado para que se torne persuasivo?

Bolsonaro constrói a persuasão de seu discurso a partir de três construções: relatos de experiência pessoal, confirmação e aprovação de terceiros e ataques e descredibilização daqueles que considera seus inimigos.

Ao usar suas experiências pessoais, o presidente busca se aproximar do seu interlocutor de forma a demonstrar que, apesar da posição de poder que ocupa, é capaz de entender as dores daqueles que o escutam. Ao mesmo tempo busca exaltar que, em decorrência da sua posição, tem prerrogativa, informações e conhecimento privilegiado, afinal foi eleito presidente da República, por isso deve ser escutado e levado em consideração. Como indicam Burni e Tamaki (2021), Bolsonaro consegue construir uma mensagem que forja a familiaridade com o "homem comum" ao se colocar como um, ao mesmo tempo que evidencia a sua excepcionalidade.

As *lives* de Bolsonaro, em geral, contam com convidados do seu governo, e o presidente busca neles validação para o seu posicionamento. Além disso, para confirmar os argumentos utilizados, Bolsonaro apresenta fragmentos de pesquisas ou dados, omitindo informações que não confirmam o que está buscando comprovar. Dessa maneira consegue legitimar os seus argumentos, uma vez que outras autoridades e fontes também o confirmam, mesmo que a legitimação seja respaldada por informações imprecisas. Gill aponta a imprecisão como parte

importante da força de um argumento, ao discutir os estudos de Drew & Holt (1989) e Edwards & Potter (1992):

Quando ela [a imprecisão] é sistematicamente apresentada, a imprecisão pode se constituir em uma defesa retórica importante, exatamente porque ela fornece uma barreira a questionamentos imediatos e ao início de refutações. Ainda mais, se isso falha, e questionamentos são feitos, os locutores podem negar o sentido específico atribuído a eles (GILL, 2008, p.261).

É necessário ressaltar que, a partir das *lives* analisadas, foi possível identificar dois grupos que Bolsonaro considera como seus inimigos, não só da sua figura como presidente da República, mas do Brasil: o que chama de "mídia tradicional" e o que denomina de "esquerda". Bolsonaro considera de esquerda todos aqueles, sejam políticos ou não, que demonstram ser contra o seu projeto político.

Bolsonaro trata aqueles que considera inimigos com desprezo e agressividade, descredibilizando-os na maior parte do tempo. Não é incomum o uso de palavras de baixo calão para descrevê-los. Gill (2008) indica que esse tipo de estratégia é uma forma altamente eficaz de ataque, porque além de sugerir que os inimigos são inconsistentes e contraditórios, mostra simultaneamente que mesmo "asserções aparentemente aceitáveis devem ser colocadas sob suspeita" (GILL, 2008, p.262).

A partir da utilização desses três elementos, Bolsonaro consegue criar um discurso altamente persuasivo, construindo argumentos que encontram ressonância em seus interlocutores, e aqui é relevante apontar que as *lives* de Bolsonaro são transmitidas a partir de suas mídias sociais e, como lembram Coimbra e Carvalho (2020), nelas se dirige à sua base de apoiadores.

4.5. O discurso de Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19 pode ser enquadrado como comunicação pública?

Para responder a esta pergunta, utilizou-se a proposição de Duarte (2007), apresentada anteriormente, que identifica quatro pré-requisitos para a comunicação pública, a lembrar: transparência, acesso, interação e ouvidoria social. Dessa forma, a seguir foram investigadas a presença ou não deles nas transmissões analisadas.

4.5.1. Transparência

Grande parte do tempo das *lives* de Bolsonaro é destinado à prestação de contas. Seus ministros e outros convidados são estimulados a divulgar números e ações que estão sendo realizadas. Nas nove transmissões realizadas com o presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, por exemplo, foram apresentados dados e números sobre o Auxílio Emergencial e outros programas de auxílio do governo relacionados à pandemia.

Por outro lado, como explorado anteriormente, Bolsonaro omite informações ou dados que contradizem ou não confirmam as suas argumentações e posicionamentos. Além disso, desestimula o acesso à informação ao atacar e desacreditar a imprensa, autoridades e órgãos da saúde como a OMS. A análise das *lives* também permitiu observar que há um esforço de Bolsonaro para desacreditar e atacar qualquer fiscalização do seu trabalho, situação que vem à tona com maior clareza com a implementação da CPI da Covid em abril de 2021. O presidente sempre se refere a ela de maneira negativa, de forma a desqualificar o trabalho realizado, buscando afirmar que não há nada pelo que possa ser acusado.

4.5.2. Acesso

Bolsonaro estimula o acesso à informação nos seus próprios termos, para ele é importante que a população busque se informar fora do que chama de mídia tradicional, uma vez que acredita que ela trabalha com o único objetivo de espalhar *fake news* sobre a sua atuação. Da mesma forma, incentiva a população a "dar sua opinião, a fiscalizar e a influir na gestão daquilo que é público" (DUARTE, p.7), encorajando que aqueles que considera seus inimigos sejam acompanhados e fiscalizados de perto. Porém, o mesmo não se observa quando se trata da sua atuação, apesar de dizer que erros acontecem e que, se porventura vier a cometê-los, o caminho será pedir desculpas e seguir em frente. É possível também observar uma postura combativa em relação àqueles que apontam seus erros e dão opinião contrária aos seus posicionamentos, como discutido anteriormente.

4.5.3. Interação

Nas *lives* analisadas, Bolsonaro menciona dois instrumentos de comunicação que viabilizam fluxos multilaterais de comunicação, são eles as suas mídias sociais e espaços de conversas com a população. Aqui é importante ressaltar que, apesar de Bolsonaro usar o termo "população", assim induz que está abarcando todos os setores da sociedade, é possível identificar que ele está se referindo apenas a seus apoiadores.

Em relação às mídias sociais, o presidente deixa o espaço aberto para estabelecer um diálogo equilibrado com seus apoiadores. Ao mesmo tempo, deixa claro que as interações

recebidas que, de acordo com ele, o atacam, ofendem ou vão contra seus posicionamentos, são apagadas. Por outro lado, as conversas com a população são mencionadas com maior frequência. Quando se refere a elas, Bolsonaro busca deixar claro que está sempre em contato e conversando com a população, buscando entender seus anseios e necessidades.

4.5.4. Ouvidoria social

Duarte (2007, p.7) destaca: "o interesse em conhecer e compreender a opinião pública e os diversos segmentos que a compõem é pressuposto para o atendimento às expectativas da sociedade". Embora Bolsonaro demonstre estar a par do que diz a opinião pública, como dito anteriormente, ele omite informações que vão contra seus posicionamentos e opiniões, além de repudiar e silenciar aqueles que considera seus inimigos, e passa a considerar apenas parte da opinião pública como referência para as suas ações.

Dessa forma, a resposta para o questionamento inicial é: não, o discurso de Bolsonaro não pode ser enquadrado como comunicação pública. Apesar de se configurar como um dos "fluxos de informação e padrões de relacionamento envolvendo os gestores e a ação do Estado e a sociedade" (DUARTE, 2007, p.2.), e das *lives* serem utilizadas como plataforma de prestação de contas, o discurso de Bolsonaro não atende aos pré-requisitos para a comunicação pública propostos por Duarte (2007), uma vez que omite informações que contradizem ou não confirmam os seus posicionamentos, desestimula o acesso à informação e a fiscalização da sua atuação, mantém o caminho aberto de diálogo apenas com parte da população: seus apoiadores, e considera apenas as necessidades deles como orientação para a sua ação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da covid-19 trouxe consequências devastadoras para todo o mundo, entretanto, países que estruturaram e implantaram rapidamente estratégias e medidas para a contenção do vírus conseguiram manejar e controlar a doença de forma mais efetiva. Não foi o caso do Brasil. Sob a gestão de Jair Bolsonaro, o país atingiu em outubro de 2021 o marco de 600 mil mortes, e o enfrentamento da pandemia tem sido marcado por vulnerabilidades institucionais, principalmente no âmbito federal.

O discurso de Bolsonaro sobre a pandemia, todavia, é construído de forma que faça seu ouvinte acreditar no contrário. A análise de *lives* do presidente permitiu que se entendessem importantes aspectos sobre essa construção, são eles:

1. O discurso de Bolsonaro não se altera. O presidente desenvolve a força da sua narrativa por meio da repetição incansável dos seus posicionamentos, mesmo quando estes já tenham sido refutados por autoridades da saúde. Com o tempo, o discurso é acrescido de novos argumentos, porém as bases sobre as quais o presidente solidifica o seu discurso se mantêm. Por outro lado, foi identificada uma alteração no tom do discurso, visto que o presidente passa a adotar uma postura mais combativa e agressiva com o passar do tempo.
2. Apesar de alegar que se preocupa com a saúde e com a economia na mesma intensidade, a importância dada ao aspecto econômico mostra-se superior na construção do seu discurso. O que pode ser observado com clareza na sua narrativa sobre as mortes decorrentes da doença, na qual são identificados dois padrões: ou elas estão atreladas a um fator econômico ou são minimizadas ou questionadas.
3. Bolsonaro utiliza-se de três estruturas para tornar seu discurso persuasivo: relatos de experiência pessoal, confirmação e aprovação de terceiros e ataques e desacreditização daqueles que considera seus inimigos. Dessa forma, consegue aproximar-se do seu ouvinte ao mesmo tempo que legitima os seus posicionamentos a partir do respaldo de outras autoridades, e que confirma a sua própria posição de poder ao apontar o que considera errado em seus inimigos.
4. O uso da imprecisão protege de críticas o discurso do presidente. Ao não apresentar todos os resultados de uma pesquisa ou citar frases soltas de entrevistas de terceiros, por exemplo, Bolsonaro consegue blindar a sua retórica caso o que disse não venha a se confirmar, mesmo que se ancore em informações imprecisas.

Em relação à comunicação pública, vale dizer que Bolsonaro é um gestor do Estado, portanto, tem prerrogativa para realizá-la. Porém é coerente afirmar que o presidente tem sido incapaz de construir uma comunicação com a sociedade que seja transparente, facilite a obtenção de informações e viabilize fluxos multilaterais de trocas, uma vez que está atento a somente uma parte da opinião pública: dos seus apoiadores.

A análise de discurso realizada na produção deste trabalho, por meio da proposta de Gill (2008) e tendo como objeto de estudo as *lives* de Bolsonaro, permitiu o entendimento de aspectos gerais do discurso do presidente sobre a pandemia covid-19, investigando-se importantes pontos que fazem com que a narrativa de Bolsonaro encontre espaço entre seus apoiadores.

No entanto, é necessário ressaltar que foram encontradas algumas limitações devido ao propósito e objetivo do trabalho. Ao analisar uma grande quantidade de *lives*, foi possível compreender como o discurso se solidificou de maneira geral no decorrer do tempo, mas não foi possível aprofundar, neste momento, todas as questões identificadas. Contudo acredita-se que a análise realizada permitiu o alcance do objetivo inicial, de forma que foi possível entender como o presidente construiu e solidificou o seu discurso nos 20 meses estudados. E possibilitou concluir, a partir do entendimento de que o discurso por si só é uma forma de ação (GILL, 2008), que o discurso de Bolsonaro sobre a covid-19 foi peça fundamental na gestão desastrosa da pandemia no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Nathália. #Verificamos: É falso que STF afastou Bolsonaro do controle de ações estratégicas contra pandemia de Covid-19. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 01 de jul. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/01/verificamos-stf-bolsonaro-covid/>. Acesso em: 19 out. 2021.
- AMARANTE, Erivelto. A desinformação como estratégia política: uma análise dos discursos presidenciais durante a pandemia da covid-19. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 48-67, maio 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/53087/pdf>. Acesso em: 03 ago. 2021.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação Pública**: estado, mercado, sociedade e interesse público. 3. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2012. Cap. 1. p. 59-71. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522475063/>. Acesso em: 03 jun. 2021.
- BURNI, Aline; TAMAKI, Eduardo. Populist Communication During the Covid-19 Pandemic: the Case of Brazil's President Bolsonaro. **Partecipazione&Conflito**: Special Issue on: "Covid-19 and the Structural Crisis of Liberal Democracies", Salento, v. 14, n. 1, p. 113-131, mar. 2021. Disponível em: <http://sibaese.unisalento.it/index.php/paco/article/view/24018/20008>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- CASTRO, Marcia C. et al. Spatiotemporal pattern of COVID-19 spread in Brazil. **Science**, [S.L.], v. 372, n. 6544, p. 821-826, 21 maio 2021. American Association for the Advancement of Science (AAAS). <http://dx.doi.org/10.1126/science.abh1558>. Disponível em: <https://www.science.org/doi/full/10.1126/science.abh1558>. Acesso em: 17 out. 2021.
- COIMBRA, Mayra Regina; CARVALHO, Willian José de. UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NOS PRONUNCIAMENTOS OFICIAIS DE BOLSONARO. **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Ouro Preto, dez. 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2016-1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DUARTE, Jorge. **Comunicação Pública**. 2007. Disponível em:
http://www.comunicacaoecrise.com/pdf/Comp%FABlicaJDuartevf_0.pdf. Acesso em: 06 jun. 2021.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W, GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Cap. 10. p. 244-270.

MARQUES SILVA, Alexandre. (Não) é só uma gripezinha: argumentação e realidade forjada nos pronunciamentos de Jair Bolsonaro sobre a covid-19. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 20, v. 2, p.4-28, ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.47369/eidea-20-2-2736>. Disponível em:
<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2736/1960>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MATTOS, Marcela et al. CPI da Covid aprova relatório final, atribui nove crimes a Bolsonaro e pede 80 indiciamentos. **G1**. Brasília, 26 out. de 2021. Disponível em:
<https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/10/26/cpi-da-covid-aprova-relatorio-atribui-nove-crimes-a-bolsonaro-e-pede-80-indiciamentos.ghtml>. Acesso em: 26 out. 2021.